

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

## **EU SOU SAPATA, E DAÍ? O DISCURSO DA AUTOAFIRMAÇÃO NA ESCOLA<sup>1</sup> I'M A DYKE, SO WHAT? THE SELF-ASSERTION SPEECH IN SCHOOL**

**Lisiane Goettems<sup>2</sup>, Rosita Da Silva Santos<sup>3</sup>, Maria Simone Vione Schwengber<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> O artigo decorre de estudos do doutorado, desenvolvidos na disciplina Gênero, Sexualidade, Reconhecimento do Outro: Questões para a Pesquisa em Educação- UNIJUI

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós- Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI, docente do Instituto Federal Farroupilha- Campus Panambi/RS, lisiane.goettems@iffarroupilha.edu.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação nas Ciências e professora de Língua Portuguesa da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS, rosita.santos@unijui.edu.br;

<sup>4</sup> Professora do Curso de Educação Física e do Mestrado e do Doutorado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul ? UNIJUI. Participante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge), do PPG-EDU da UFRGS e do grupo Paidotribas da UNIJUI

**RESUMO:** O processo de afirmação, de autorreconhecimento da homossexualidade perante os Outros e, neste caso, na escola, diante do outro-professor/a, tem sido pouco estudado. Este artigo visa à compreensão do reconhecimento e da autoafirmação a partir de um acontecimento no âmbito escolar. No movimento de análise, destacamos o esforço de afirmação da homossexualidade, através da apropriação de determinadas expressões, como forma de reconhecimento de si e não de intimidação. A ideia de autoafirmação da orientação sexual, através do discurso, convoca os sujeitos para a tomada de decisão no sentido de expor, publicamente, aquele que estava imerso no seu próprio ostracismo, o que popularmente chamamos de “sair do armário”. A autoafirmação da identidade gay é marca de uma geração em que uma homossexualidade busca romper a clandestinidade através de enunciação discursiva, que alia uma certa visibilidade, elaborando gradativamente uma cultura de respeito às diferenças.

**ABSTRACT:** The process of assertion, self-recognition of homosexuality before the Others and, in this case, in school, in front of the other-teacher, has been little studied. This article aims at understanding recognition and self-assertion from an event in the school context. In the analysis movement, we highlight the efforts to assert homosexuality, through the appropriation of certain expressions, as a form of self-recognition rather than intimidation. The idea of self-assertion of sexual orientation, through discourse, summons people to the decision making in order to publicly expose the one who was immersed in his own ostracism, what we popularly call “coming out of the closet”. The self-assertion of gay identity is the mark of a generation in which homosexuality seeks to break away from clandestinity through discursive enunciation, which combines a certain visibility, gradually elaborating a culture of respect for differences.

**PALAVRAS-CHAVE:** autoafirmação, escola, sexualidades.

**KEYWORDS:** self-assertion, school, sexualities.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

## **As sexualidades, os rastros de acontecimentos e as condições de emergência**

Antes do século XIX, a “‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não” (WEEKS, 2000), visto que as atividades homossexuais entre os homens ocorriam com frequência, principalmente entre um adulto ativo e um adolescente passivo. Weeks (2000) relata que o garoto, desde que adotasse um comportamento ativo na maturidade e mantivesse relações com mulheres, não era visto com preconceito e não sofria nenhum tipo de discriminação.

Por outro lado, aqueles que desenvolviam uma postura passiva, quando adultos, eram estigmatizados e, no século XVIII, surgiu um novo modelo, associando negativamente qualquer comportamento homossexual, fosse ativo ou passivo. Embora muitas vezes aceita ou rejeitada, somente a partir do século XIX é que se desenvolveu uma categoria homossexual e uma identidade para esta categoria (WEEKS), causando uma mudança significativa, até mesmo com relação às políticas para gays e lésbicas, especialmente nos fins de 1960 e início de 1970.

Os discursos das diferenças são veiculados através de uma ampla variedade de artefatos[1], indo desde a mídia até livros didáticos, políticas públicas, leis, documentos escolares, movimentos sociais de um modo geral, em particular os LGBT[2]. Entendemos as estratégias que perpassam os discursos que circulam nesses artefatos não como banais, inocentes, mas como um conjunto de práticas discursivas[3], estabelecidas socialmente e, portanto, a partir das “relações enunciativas”.

Acreditamos que esses discursos da(s) diferença(s) vão abrindo pequenas sendas, de certo modo provocativas, nas singularidades e, também, nas coletividades. No contexto escolar alunos, juntamente com seus professores, vivem recorrentes acontecimentos em relação à temática das diferenças, e destacamos aqui as de sexualidades, por exemplo, as que ficam vinculadas à reprodução de imagens[4] e mensagens situadas entre comportamento sexual, normalidade e saúde. Talvez, por isso, os acontecimentos acerca das sexualidades, que ocorrem no cotidiano escolar, ficam associados à ideia do “se der tempo” - veremos, falaremos ou, ainda, pensaremos, trabalharemos depois.

O conceito de sexualidade, no decorrer dos tempos, passou por diversas alterações. No século XVII, segundo Foucault (2005), vigorava a franqueza e a rejeição aos pudores; não havia “segredos” com relação ao assunto: “eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX” Foucault (2005). Posteriormente, a burguesia vitoriana passou a tratar a sexualidade como um assunto encerrado e restrito ao quarto e ao convívio conjugal. Há certo silenciamento acerca do assunto, tanto nos atos quanto nas palavras, impondo-se uma norma.

O desvio do “padrão” era considerado uma sexualidade ilegítima, fazendo com que os sujeitos que se desviavam da “normalidade” buscassem na prostituição ou no tratamento médico o seu lugar, cedendo espaço à exploração e à busca por tratamentos psiquiátricos, em virtude do surgimento de termos como a histeria, por exemplo.

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O *rendez-vous* e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica — estes "outros vitorianos", diria Stephen Marcus — parecem ter feito passar, de maneira sub-reptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Foucault (2005, p. 10).

Nestes espaços, o sexo era permitido, desde que fosse na clandestinidade, dando lugar à repressão. A repressão instaurou o poder, visto que falar/discursar sobre sexo e sexualidade passaram a ser sinônimos de transgressão das leis e aquele que ousasse infringir estas leis era considerado fora dos padrões. Para esses, cabia um constante retomar, vigiar, regular, pois a inconstância ou busca por narrativas pessoais e próprias não eram investimentos que ganhavam espaço.

Há muito falamos de sexo de forma a transgredir a norma e ainda hoje esse discurso é sustentado pelas relações de saber-poder e, no início do século XIX, a ideia de repressão começou a mudar de tom, visto que instaurou algo da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, segundo Foucault (2005). Algumas tradições foram reativadas.

Passamos, assim, da sexualidade relacionada à reprodução, para uma sexualidade muito mais "livre", mas ainda temos dificuldades para falar sobre o assunto, em diferentes contextos, tais como nas famílias ou nas escolas. A temática do sexo e da sexualidade hoje é, ao mesmo tempo, de difícil abordagem e de certo fascínio, pois mexem com os mais conservadores e estimulam os mais liberais, criando, ao mesmo tempo, repulsa e atração, e, por este motivo, se tiverem que ser abordados no contexto escolar, para muitos professores, professoras, direção, pais e mães se constituam em problemas em tensão.

Assim, o acontecimento, pensando aqui os escolares, é um porvir, uma interrogação sobre a atualidade do que se vive, não supõe uma manutenção fiel aos "elementos doutrinários", mas se trata antes de uma "re-ativação permanente de atitudes", debates, embates. O movimento de atualização é porvir, pois a interrogação é uma "atitude" que move as relações vivas (FOUCAULT, 2004, p. 300). Foucault nos ajuda a pensar o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção (FOUCAULT, 2004, p. 46-51). Neste sentido, ainda, o acontecimento é considerado como uma abertura de possibilidades, de questionamentos acerca de quais campos das experiências é possível pensar, problematizar.

Em aproximação ao acontecimento, surgem as condições de emergência, que acionam determinados signos e seus sentidos, que permitem indagar a respeito das relações de poder que investem no controle dos corpos e, por conseguinte, das sexualidades. Foucault situa a emergência (Entstehung) como aquilo que é dito, algo que rompe, acontece em tarefas de se colocar, pensar, experimentar, problematizar. Emergência como acontecimento é aquela que se produz em interstícios, convoca olhar, compreender o diferente (em afronta, em luta, em

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

questionamento) relacionando o que torna algo dominante.

Emergências são alertas sutis ou veementes, que nos acionam de modos diversos. Emergências ampliam o indagar acerca da insistência social quanto à repetida condução das vidas, instalando modelos de produção de homens e mulheres, de produção de identidades de gênero, produção esta entendida como estratégias de controle, de disciplinamento, que leva à censura, à culpa, à vergonha daquilo que temos de mais nosso: o corpo. Através da vigia, homens e mulheres vão sendo monitorados em suas experimentações, prazeres, perguntas, fantasias. Tudo que é da ordem da sexualidade, do corpo, acaba recebendo investidas que mencionam o que está “autorizado” e o que “não está autorizado” e aquilo que pode seguir como pertença social.

### **A ESCOLA E A GESTÃO DE UMA IDENTIDADE DIZÍVEL ... SOU GAY!**

Tomamos como provocação, pensar alguns recortes que compõem os acontecimentos do cotidiano escolar, para compreender algumas das posições nele existentes. As rotinas escolares, geralmente, seguem imperativos de ordem: quantitativo de horas e dias letivos anuais, tempo de aula e de intervalo determinadas pelo toque da sineta, componentes curriculares do dia, tempo de biblioteca, dentre outros. Vidas gerenciáveis, preferencialmente enquadradas muito mais numa certa mesmidade (SKLIAR, 2003).

A mesmidade assemelha-se ao sombreamento que persegue a alteridade e que Skliar (2003) situa como sendo o mesmo de mim, o habitual. Ela inscreve histórias de vida em focos muito mais igualitários, universais, talvez para, em seguida, controlar, normatizar. A mesmidade intenciona captar o Outro no tom de um certo cerceamento, força a projeção frequente da culpabilidade em que todo sujeito que não segue à risca o habitual - corpo normatizado - é atizado à mudança.

Longe da mesmidade ficam os excluídos-sujeitos que, apesar de tentar adaptação à norma, ficam em condição limitante. Esses não são autorizados a entrar no centro do “mapa” social. Sujeitos/corpos que recusam (ou não alcançam) certos modos de pertencimentos ligados à norma vigente são facilmente esquecidos, podendo até mesmo receber menor investimento de seus pares e de seus professores.

Na tentativa de pensar as sexualidades e seus contornos no cotidiano escolar é que recorreremos a um acontecimento envolvendo o professor Nestor[5] e a aluna Natália[6]. Soubemos desse acontecimento quando Nestor compartilhou o fato, dizendo-nos: “Ontem eu falei demais. Entrei em confusão!” E seguiu contando o diálogo que teve com uma aluna, estudante do noturno, em curso de Sistemas para Internet.

**Professor Nestor-** Nossa como tem ‘sapata’ nesta escola!

**Aluna Natália-** Isto te impressiona?

**Professor Nestor-** Sim, como não haveria de impressionar?

**Aluna Natália-** Ao teu lado agora, caminhando aqui contigo, tem uma! (silêncio)

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

O acontecimento pôs em pauta o ser “sapata.”[7] A inquietação de Nestor nos provocou indagações, tais como: a orientação sexual de alguém (no caso da aluna) pode representar ameaça ou incômodo para o Outro (o professor)? O Outro-diferente[8] merece ser posto à margem do cotidiano escolar? Qual o problema do/a aluno/a ser gay? Já o que faz a Natalia dizer: “Professor, também sou sapata e aí? Essa expressão da Nálatia “também sou sapata” serve para quê? Que potencialidades e desafios estão postos para a educação escolar no enfrentamento dessas questões?

Nesse viés, o professor Nestor acredita que a diferença pode ser classificada. A expressão “sapata”, utilizada por ele, se em negativa a toda e qualquer outra possibilidade de orientação sexual que difere da heteronormatividade[9], indica que o professor Nestor fez, indiretamente, um reforço da negação do ser sensível, das amorosidades e, sobretudo, negação da singularidade do sujeito, das sexualidades como realidade. Portanto, o pensamento do professor Nestor pareceu-nos, nesse contexto, seguir intenção classificatória ou de alternância, de escolha: ou isso ou aquilo.

Por outro percurso de compreensões, chegamos ao termo “sapata”, termo que, hoje, assim como outros termos, não são mais considerados pejorativos em determinados contextos de enunciação, mas como enunciação de afirmação. Uma nova geração de alunos homossexuais parece trazer à tona uma discussão, até alguns anos atrás, inexistentes no dia a dia das escolas. Eles se sentem seguros para dizer: “Profe, sou gay!”. O termo “viado” e “bee” são termos aceitos pela comunidade LGBT. Bee (“abelha” em inglês) é uma abreviação de bicha e corresponde a uma maneira carinhosa de se referir a um homossexual. Por isso, não parece haver qualquer desconforto por parte da aluna Natália ao se assumir “sapata”; caso contrário, ela não teria se nomeado diante do professor Nestor.

Existe, hoje, inclusive, um chamado “Gayrélio”, ou seja, uma espécie de Aurélio das comunidades gays, através do qual podemos conhecer as principais gírias utilizadas pelos homossexuais. Por exemplo, uma “bicha” é um homossexual; mas uma “bicha-bofe” é um homossexual não efeminado. Esta expressão é própria do universo gay e, para eles, não há nenhum problema em utilizar-se delas em situações do dia a dia. Dizer que alguém é “pão com ovo” nada mais é do que dizer que alguém possui caráter duvidoso, sem classe ou sem ética. Pejorativamente, caracteriza pessoas economicamente pobres ou até mesmo sem conteúdo inteligente, na gíria gay.

A questão “eu sou sapata”, historicamente, nem sempre se colocou como um movimento de autoafirmação, visto que aparece a partir de determinado momento, em que o eu, como lugar da razão, adquire centralidade. Giddens (1983, p.41) afirma que “hoje, o eu é um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro”. Esse processo de reconstrução de si é relacional e se expressa na interação, inscrevendo-se num momento histórico e numa determinada cultura.

A sexualidade é carregada de significados, de historicidades. Como indica Foucault (1994), a constituição de ser homossexual, da identidade homossexual, faz parte de uma mecânica de saber poder da modernidade. A dinâmica desse movimento, com sua inteligibilidade, modifica, de modo que a questão de reconhecimento da homossexualidade emerge na justiça (em seus aspectos

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

jurídicos) de igualdade, de modo particular nos anos sessenta do século XX, no qual emerge com mais força o processo de liberação sexual.

As revoltas gays[10] e o Estatuto da Associação de Psiquiatria Americana de 1974, que passou a não mais considerar a homossexualidade como uma doença mental, possibilitaram um caldo cultural que permite que uma boa parte dos homossexuais “saíam do armário”[11]. Essa condição é, ao mesmo tempo, um rito de passagem e um ato político.

E assim se, por um lado, para Foucault (1994), se reconhece que os direitos dos sujeitos, no que diz respeito à sexualidade, não deixam de ser importantes, especialmente nos lugares onde eles não são respeitados, por outro lado, não deixa de sublinhar a emergência de que os sujeitos (homossexuais) e os movimentos devam dar um passo adiante, em se afirmar enquanto identidade, como força criadora.

A aluna Natália, ao se assumir como “sapata”, luta por uma identidade sexual que não fica restrita a ela, visto que outros enunciados, outros corpos, novas histórias se apresentam no cotidiano escolar. Ser sapata talvez signifique afirmar um valor estratégico que ponha em voga determinadas representações ou emergências e, assim, entrar na luta de reconhecimento, que, como ensina Foucault, implica em enunciar-se, galgando um lugar de reconhecimento possível.

Quando a aluna Natália afirma “ao teu lado tem uma ‘sapata’”, para ela, não há nenhum problema em dizer “eu sou gay!”. Pelo contrário. Há uma espécie de “orgulho gay”. Ela sabe, mesmo que empiricamente, que o reconhecimento está no empoderamento de enunciar-se. Por isso, a autoafirmação é importante, bem como a apropriação de todas as expressões e gírias dirigidas aos gays, por exemplo. Ser chamado de “viado” e se apropriar dessa expressão, como forma de respeito e não de intimidação, tem sido uma forma de autoafirmação.

Segundo Weeks (2000, p. 52-53), dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” significa fazer uma declaração sobre pertencimento, “significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes” e a escolha é, muitas vezes, política, embora também possa se dar através dos sentimentos, dos desejos. A decisão de assumir-se como gay pode ser política no sentido de que “há algumas pessoas que se identificam como gays e participam da comunidade gay, mas que podem não ter qualquer atividade sexual homossexual; por outro lado, há outras que podem “ser homossexualmente ativas (por exemplo, na prisão), mas recusam o rótulo de ‘homossexual’”. (Weeks, 2000, p. 52).

Essa identidade como escolha, segundo Weeks (2000), é feita livremente, mas não é algo que aconteça “sem dor”, visto tratar-se de uma posição identitária estigmatizada. Para Weeks (2000), essa condição passa, normalmente, por quatro estágios: a) a sensibilização ou tomada de consciência da diferença em relação à norma; b) a significação ou atribuição de sentido a essas diferenças; c) subculturização ou fase do reconhecimento do outro, através do contato físico, por exemplo; d) a estabilização ou aceitação de seu estilo de vida.

Desde a sociedade patriarcal, as mulheres são privadas do direito de escolha e autonomia sobre seus corpos, com efetivo controle sobre eles, principalmente pelo estado e pela religião. Sendo

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

assim, na escola, a Natalia, ao definir-se como “sapata”, parece expressar alguma rebeldia e contestação, o que pode ser definido, até certo ponto, como um forma de ironia. Autodenominando-se “sapata”, a aluna parece ironizar a cultura dominante e conservadora, retomando questões como a liberdade de escolha feminina sobre seu corpo, sua sexualidade. Ao manifestar-se, a aluna nega o rótulo de silenciamento e se posiciona na esfera do reconhecimento de sua sexualidade.

As denominações do movimento social como a Marcha das Vadias (evento contra o machismo e o estupro) é um exemplo disso. Os “gritos de guerra” são irreverentes: “Se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser, inclusive pra outra mulher”, “de burca ou de shortinho todos vão me respeitar”. Na Marcha, pelo viés da afronta, do desafio, da provocação, o corpo é usado para questionar as normas sociais de gênero, sexo e sexualidades, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um elemento através do qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o individualiza, mas todas sob o rótulo de “vadias”.

Giddens (1983) trata da emergência e o fortalecimento de uma sexualidade plástica, de uma nova economia do desejo, como expressões mais evidentes do processo de transformação da intimidade. Nestor e Natália vivem uma, entre tantas cenas, dos acontecimentos escolares. Nela, podemos atrelar a presença de um quadro de hostilidade, de estranhamento ao que foge à norma ou um diálogo que traduzem diferenças que, pouco a pouco, cedem espaço para o reconhecimento das diferenças. Interessa, pois, a compreensão das sexualidades, a convivência entre hetero e homonormatividades.

Nessa perspectiva, torna-se relevante que percebamos o quanto a cultura ressignifica e produz discursos – por exemplo, em que contexto é possível chamar alguém de “sapata” e em que contexto não o é. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico. Neste sentido, entendê-lo convoca o exercício de não tomarmos pronto e acabado aquilo que é do mundo da vida, dos sujeitos envolvidos: suas histórias, suas memórias, suas escolhas, suas conquistas, entendidas na contemporaneidade como fluidas, em movimento.

No cotidiano escolar, como nesse acontecimento envolvendo o professor Nestor e aluna Natália, por exemplo, percebemos que há movimentos que interferem (ou tentam interferir) no fazer/viver dos sujeitos: um que tende a normatizar (heterossexuais) e outro que tende a estigmatizar, a identificar os corpos como ilegítimos, imorais, patológicos. Neste acontecimento específico, a identidade da Natália vai sendo ajustada e vestida por si, primeiramente como um processo de reconhecimento de si para si mesmo e, depois, para os outros.

A metáfora do armário dá ideia de não discutir, de guardar, mas também nos traz à memória a ideia de móvel que, por vezes, apresenta-se com espelhos, o que nos faz reportar à ideia de algo ou fato de cuja contemplação ou exame se deduz alguma aprendizagem, um aviso, um conhecimento, ou seja, é o que permite o autoexame da consciência humana, tendo em vista o fato de que “sair do armário” é uma questão que, embora seja privada, é um rito de passagem para um fato público, pois leva o sujeito a um certo reconhecimento.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Segundo Foucault (1971, p.46-7), o que é o sistema de ensino senão uma ritualização da fala, uma qualificação dos sujeitos falantes, alguém que experimenta, no sentido de problematizar, para modificar-se e não para pensar a mesma coisa que antes? A ideia de autoafirmação da orientação sexual através do discurso convoca os sujeitos para uma tomada de decisão no sentido de expor, publicamente, aquele que estava imerso no seu próprio ostracismo, o que popularmente chamamos de “sair do armário”. A epistemologia do armário deu uma consistência abrangente à cultura e à identidade gay, ao longo do século XX, o que não significa negar que possibilidades cruciais em torno e fora do armário passaram por mudanças importantes para os gays.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Implicadas com as emergências acerca das sexualidades na escola, é que reiteramos, neste percurso de escrita, nossa defesa de que o cotidiano escolar, com seus acontecimentos, possa ser mais um espaço possível para tencionar a temática da(s) sexualidade(s), colocando-a(s) em lugar de menor reticência, ou seja, minimizar a carga de preconceito. A transformação da sexualidade, ponto relevante para a promoção da identidade, representa alterações na vida cotidiana, especialmente na escola, conduzindo, por exemplo, à emergência de novos laços de acolhimento. Esse contexto transformativo e fluido testemunha a emergência do que Giddens (1983) designa por ‘sexualidade plástica’, isto é, a sexualidade convertida em arena de experimentação de si, no caso da afirmação “sou gay”. Trata-se, especialmente, de linhas de subjetivação, que apontam para novas possibilidades de existência, pensando aqui as escolares, não mais as do domínio das regras coercitivas do poder, mas talvez das regras que correspondem à experiência que o sujeito faz de si, na relação consigo próprio, ou ainda num devir do “mesmo” em “outro” e vice-versa.

O fio condutor, então, é o das relações tramadas no jogo do mesmo e do outro, das relações no processo de diferenciação social e construção de si, na busca por uma suposta equidade entre mesmos e outros (equidade entre diferentes posições no caso hetero e homo). Na contemporaneidade, passa a existir o pluralismo das formas de sexualidades, pois não se comunga mais um único padrão formal de vivência na ruptura com o tradicional, isto é, parece que caminhamos, a passos muito lentos, na direção da ruptura de uma premissa unívoca, hierárquica, entre o normal e o patológico, o indizível e o dizível – eu sou gay e daí?

De modo particular, interessou-nos, neste artigo, tratar da relação entre o que tradicionalmente se considerava os comportamentos eróticos sexuais, apoiados na pressuposição da “normalidade” heterossexual, e os movimentos de afirmação da homossexualidade que reivindicam, como direito, a legitimação social de suas existências/vivências. Perguntamo-nos: não seriam os professores (nós), os primeiros a ter que banir os preconceitos, discriminações? É possível acreditar que se possa fazer um bom trabalho aquele professor que não fez algo consigo, para se livrar de preconceitos, visto que, afinal, ele é um formador, o adulto da relação pedagógica?

Os movimentos de afirmação da homossexualidade propõem, cada vez e talvez com mais força, a localização da “questão homossexual” no campo da escola. De toda forma, esta questão, no nosso ponto de vista, representa um desafio para a escola e para a educação escolar, visto que nos

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

obriga a repensar o diferente/as diferenças, exigindo uma nova forma de enfrentamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II - O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2005.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1983.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí?** Tradução Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade, p. 35-82. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. LOURO, Guacira Lopes. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Org. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

---

[1] Sinalizamos que os discursos que neles circulam nos interpelam de diferentes formas e nas mais variadas circunstâncias.

[2] O termo atual oficialmente usado para a diversidade no Brasil é LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). A alteração do termo GLBT em favor de LGBT foi aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT realizada em Brasília, no período de 5 a 8 de junho de 2008. A mudança de nomenclatura foi realizada, a fim de valorizar as lésbicas no contexto da diversidade sexual e também de aproximar o termo brasileiro ao termo predominante em várias outras culturas.

[3] A ideia de práticas discursivas (que se enunciam) estão relacionadas ao pensamento de Foucault (1994), em que os discursos como práticas culturais destinados a nomear, representar coisas e pessoas, e por sua vez, possibilitam, através das mais variadas formas, atribuir aos Outros significados.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

[4] A sexualidade, na cultura ocidental, quando compõe filme, música, novela, geralmente é vinculada ao caráter erótico, destacando, de modo geral, as mulheres como submissas, que agem em agrado, concordância ao parceiro, e a heterossexualidade como prevalecente ou aceita.

[5] O acontecimento descrito cita nomes fictícios.

[6] Estudante do Ensino Superior de Tecnologias, no curso de Sistemas para Internet, com vinte e dois anos de idade.

[7] Na época da Independência do Brasil, os portugueses que aqui circulavam costumavam usar grossos tamancos, de tamanho avantajado lembravam sapatões. Ao longo dos tempos e culturas as expressões “sapata” e “sapatona” passaram a designar as mulheres lésbicas ou aquelas de perfil masculinizadas. A popularização do termo no Brasil ocorreu entre os anos cinquenta e oitenta do século XX, através da marchinha carnavalesca “*Maria Sapatão*” e canções associadas como “*Cabeleira do Zezé*”, a qual referenciava os homossexuais. Sons em programa televisivo, como o de Abelardo Barbosa, que comandou o “*Cassino do Chacrinha*”, ajudaram nessas divulgações.

[8] A expressão Outro-Diferente, não foi encontrada em nenhuma das referências que pesquisei, mas acredito que possa expressar parte daquilo que busco compreender com a tese. Outro-diferente se aproxima da reflexão de Velho (2008) quando esse autor menciona que as dinâmicas sociais auxiliam na criação de metamorfoses que fazem o Outro ser diferente daquilo que sou.

[9] Para Meyer e Petry (2011, p.195), a heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas - e apenas duas - possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho.

[10] Destaca-se como uma das mais importantes de Stonewall em Nova York em 1969.

[11] Metáfora quando se torna público o comportamento homossexual. Eve Kosofsky Sedgwick americana afirma que “o armário”, ou o “segredo aberto”, marcou a vida gay/lésbica no último século após o marco de Stonewall em 1969.